O Ministério do Turismo, o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e o Museu de Arte Moderna de São Paulo apresentam

# zona da mata

curadoria: Ana Magalhães, Cauê Alves e Marta Bogéa

parte I (sala de vidro)	mam	19.06.2021
		a 17.10.21
parte II (5° andar - Ala B)	MAC USP	19.06.2021
		a 01.05.22
parte III (térreo)	MAC USP	19.06.2021
		a 01.05.22
parte IV (sala de vidro)	mam	26.10.2021
		a 06.03.2022

parceria

realização















Vista da localização das exposições no MAC USP e MAM São Paulo

# Ana Magalhães, Cauê Alves e Marta Bogéa curadores

Zona da Mata corresponde geograficamente à faixa litorânea da região nordeste do Brasil, paralela ao Oceano Atlântico, que se estende do Rio Grande do Norte até a Bahia. Trecho da Mata Atlântica original, hoje quase extinta na região, foi solo fértil explorado de modo predatório. Porta de entrada para a colonização, é historicamente um território de conflito, instaurado no modo de invasão e ocupação, matriz de destituição dos povos originários e da diáspora afro no país.

Essa exposição adota o termo Zona da Mata como metáfora simbólica, não apenas no sentido da geografia física, no enfrentamento necessário do desafio de tratarmos da violenta constituição de nosso território. Frente à exploração predatória de pessoas e lugares, como restituir dignidade ao que precisamos reconhecer



Vista da exposição no MAM São Paulo - parte I

como nossa morada? É incontornável repactuar nossa condição humana na indissociável relação entre cultura e natureza.

Diante do Brasil em febril convulsão, violentamente retrógrado, Zona da Mata é hoje todo o País. Alinhados ao desafio mundial, precisamos mais do que nunca nos reposicionarmos frente ao nosso pacto de país e sociedade, a começar por reconhecer saberes ancestrais que não soubemos acalentar, sem aprisioná-los em um passado histórico, mas como parte fundamental de nosso desejável presente.

A leitura que fazemos do tema que propomos para *Zona da Mata* parte de uma discussão sobre a paisagem e das relações entre arquitetura e paisagem (tal como, nas obras de Gustavo Utrabo), bem como das relações entre cultura e natureza, no Brasil permanentemente conflituosas (veja-se Julio Plaza, a partir de sua experi-



Vista da exposição no MAM São Paulo - parte I

mentação com diversas linguagens, toca diretamente no debate entre ecologia e desenvolvimentismo na obra da década de 1970). A ação irônica e bem-humorada de Guto Lacaz não deixa de apontar para a condição absurda com que integramos as árvores na paisagem urbana. Mas, arquitetura e arte estão aqui num estatuto semelhante e sem qualquer oposição entre poesia e funcionalidade. Nesse sentido, era imperativo que duas instituições irmanadas, que compartilham de uma história em comum, e situadas em pontos opostos (cada uma de um lado da via que dividiu a área do Parque Ibirapuera) se reunissem nesse projeto inicial, que significou também reconhecer a área verde da cidade de São Paulo que as acolheu. Fernando Limberger, em uma espécie de ficção arqueológica, reconstrói duas camadas do terreno do Parque Ibirapuera, enquanto Gabriela Albergaria investiga as coleções botânicas e suas classificações em outro relevante parque da cidade de São Paulo, o Trianon.

Multiplicar os pontos de vista é mais desejável do que adotar uma visão única. Os artistas de *Zona da Mata* abordam os conflitos ou a exploração do território a partir de mapas e construções simbólicas (Marcius Galan e Jaime Lauriano), seja ecoando a força espiritual indígena e africana (Paulo Nazareth e Rodrigo Bueno), seja valorizando outras visões cosmológicas. Claudia Andujar retrata a floresta e a casa dos Yanomami, tanto a partir de um olhar cúmplice com os povos da floresta, como em parceria com Gisela Motta e Leandro Lima que inventam uma espécie de gambiarra para dar movimento à imagem.

Dois autores pautaram as questões que ora trazemos: Davi Kopenawa e Bruno Latour. A *queda do céu: palavras de um xamã Yanomami* resulta de depoimentos de Davi Kopenawa em diálogo com o antropólogo francês Bruce Albert, entre 1989 e 2000. Publicado originalmente em francês em 2010 na coleção *Terre* 

Zona da mata

prist part

| Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Part | Pa

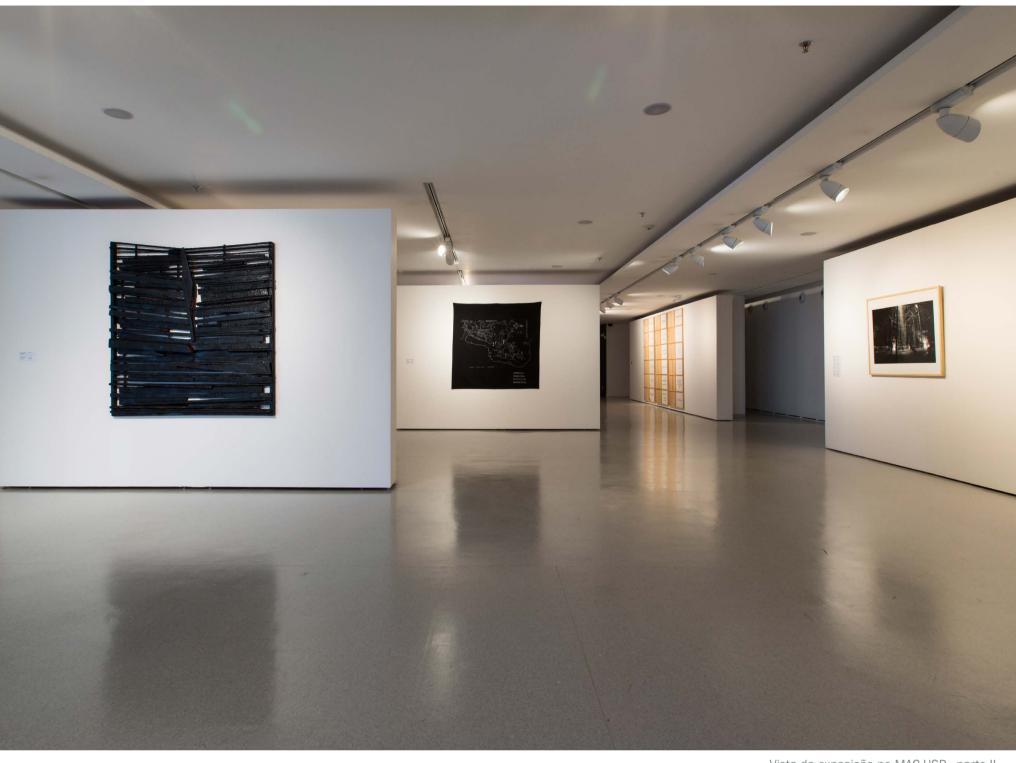


Vista da exposição no MAC USP - parte II

Humaine e apenas em 2015 no Brasil, "o depoimento-profecia de Kopenawa aparece, assim, em boa hora: porque a hora, claro está, está péssima"¹, como bem observa Eduardo Viveiros de Castro, em seu contundente prefácio O recado da mata para a publicação brasileira. No capítulo Palavras dadas, Kopenawa revela as razões de seu intento com o dedicado diálogo com Albert: "(...) entreguei a você minhas palavras e lhe pedi para levá-las longe, para serem conhecidas pelos brancos, que não sabem nada de nós. (...) são as palavras de Omama e dos Xapiri. Desenhe-as primeiro em peles de imagens e depois olhe sempre para elas"². O laborioso trabalho, tecido em comum, permite vislumbrar esse saber ancestral no ir e vir de trocas genuínas entre as vivências e os valores desejados coletivamente. As palavras do xamã yanomami pressupõem que os ameríndios pertencem

<sup>1</sup> VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O recado da mata In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras 2015, p.19.

<sup>2</sup> KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.63-64.



Vista da exposição no MAC USP - parte II

à terra e não que a terra pertence a eles. Talvez não seja tarde para reconhecermos a relação literalmente doentia que os brancos, reféns da mercadoria, estabelecem com a terra. Já não é possível continuarmos ignorando os saberes ancestrais ou os tratando como uma ficção distante da realidade. No Brasil, proveniente dos povos indígenas e da tradição afro, duas origens e crenças com peculiares diferenças, mas que guardam um traço comum: o saber ser parte da natureza e não "senhor" dela. Veja-se por exemplo, como através da tradição afro tem-se protegido a mata, entendida sagrada, nos terreiros de candomblé no Brasil, mesmo nas grandes cidades como Salvador. Através deles parte significativa da mata persiste abrigada, como no Terreiro de Oxumaré presente nesta mostra a partir da intervenção do Brasil Arquitetura.



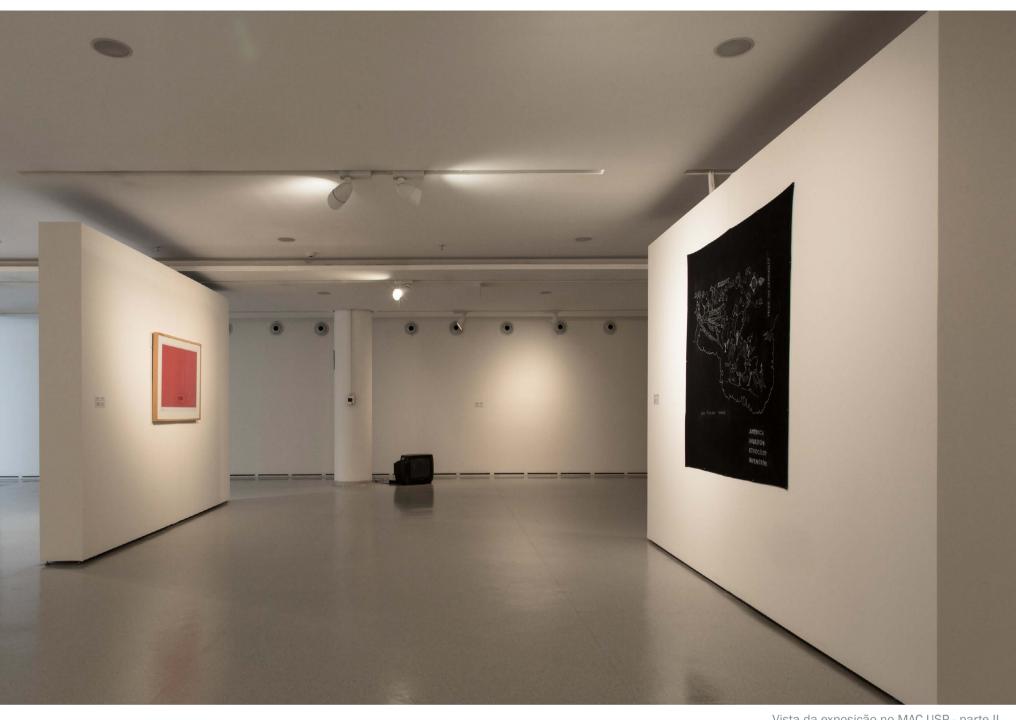
Vista da exposição no MAC USP - parte II

O que fazer "diante de Gaia<sup>3</sup>"? pergunta Bruno Latour a partir de outras balizas, mas com pulsação em comum. Ao escrever o prefácio para publicação brasileira em maio de 2020 (das conferências realizadas em 2013 em Edimburgo) declara de início: "É um tanto aterrorizante publicar o livro *Diante de Gaia* no Brasil em meio a uma crise moral, política, sanitária, ecológica e religiosa de tamanha proporção. Parece que esse livro chega no meio daquilo que os meteorologistas chamam de 'tempestade perfeita', isto é, a sobreposição de todas as crises ao mesmo tempo"<sup>4</sup>, o livro parte do pensamento em curso do autor, alinhado com a urgência de "Onde aterrar?"<sup>5</sup>. Latour convoca a que nos reconheçamos como parte indissociável dos seres vivos responsáveis e, também, afetados pelas interações "irreversivelmente emaranhadas" das ações e reações de todos os viventes, para que possamos nos

<sup>3 &</sup>quot;Gaia, Gê, Terra, não é uma deusa propriamente dita, mas uma força que antecede os deuses." Latour aborda a figura da mitologia grega na terceira conferência, intitulada *Gaia: uma figura (enfim profana) da natureza*.

<sup>4</sup> LATOUR, Bruno. Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu Editora/Ateliê das Humanidades Editorial, 2020, p.9

<sup>5</sup> LATOUR, Bruno. Onde aterrar?: Como se orientar politicamente no antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.



Vista da exposição no MAC USP - parte II

admitir "terrenos". Não se trata de considerarmos a natureza apartada de nós, tal como ela foi transformada ao menos desde o período colonial. A nossa crise não é apenas ecológica, é socioambiental e afeta a todos. Mas é preciso reconhecer que os antigos povos colonizados estão lutando há mais tempo. Segundo Latour, "a nova universalidade consiste em sentir que o solo está em vias de ceder". O que talvez seja análogo ao que Davi Kopenawa, diante do contato predador dos brancos, que historicamente tem disseminado epidemias, chama de "a queda do céu", que ocorrerá quando a floresta for exterminada e o último xamã morrer. De todo modo, esse colapso da terra ou do céu atinge a todos, avançando sobre as fronteiras e sobre as antigas proteções. A questão que persiste é como nos vinculamos ao solo, com a sabedoria de não nos fecharmos, apartados, em território murados, hierarquicamente e, inaceitavelmente, desiguais.



Vista da exposição no MAC USP - parte II

Zona da Mata se organiza em quatro partes em diferentes espaços e com distintas temporalidades. Intencionalmente nunca se está diante da totalidade da mostra, mas apenas de fragmentos. Ocorre no MAC USP (5o. andar ala B e térreo) durante toda a extensão de tempo e no MAM São Paulo (na sala de vidro em dois tempos). Importante ressaltar que essa linha-avenida que atravessa a região do Parque e separa as duas instituições – assim como, a espécie de proximidade desencontrada de dois museus – também é o que os une. A mostra usufrui da condição de necessário atravessamento, mais ágil no percurso feito a pé do que motorizado, para articular os dois pontos avizinhados, desconectados a posteriori do projeto de transformação do Ibirapuera em 1954, onde originalmente se encontrava uma mata alagadiça - "mata que já foi mata" em Tupi Guarani. Intenta um ir-e-vir aderente ao chão da cidade, endereçada ao presente e ao porvir, no pacto indissociável de uma paisagem compartilhada e simultaneamente desviada, a partir da singularidade vibrante de cada obra convidada e do acervo de ambas as instituições que integram essa mostra-paisagem.

<sup>7</sup> BUENO, Silveira. Dicionário Tupi-Guarani Português. São Paulo: Editora Gráfica Nagy Ltda. 1982. Verbete: "Ibirapuera", p. 130.





# **Claudia Andujar**

MAM São Paulo

Neuchâtel, Suíça, 1931

Yanomami (da série A casa), 1974-76 fotografia p&b.

Coleção MAM, aquisição Núcleo Contemporâneo MAM São Paulo

Yanomami (da série A casa), 1974-76 fotografia p&b.

Coleção MAM, aquisição Núcleo Contemporâneo MAM São Paulo

Yanomami (da série A floresta), 1974-76 fotografia p&b.
Coleção MAM, aquisição Núcleo Contemporâneo



Yanomami (da série A casa) e (da série A floresta), 1974-76 (MAC USP P. II)

A trajetória de Claudia Andujar é um indício dos conflitos que interferem na vida de diversos povos e de encontros que podem transformar o território e a paisagem. A artista fugiu da perseguição nazista durante a II Guerra Mundial e acabou se estabelecendo no Brasil. Andujar sempre teve a fotografia como ferramenta de trabalho e se aproximou dos Yanomami, com quem convive até hoje. Sua produção valoriza os saberes ancestrais desses povos indígenas, tanto nas construções das habitações como na relação com a mata. Na série A casa, a arquitetura autóctone é retratada ressaltando, ao mesmo tempo, aspectos monumentais (tal qual a sofisticada estrutura capaz de vencer grandes vãos) e singelos (como os artefatos que estabelecem o cotidiano local). O modo como elementos naturais se convertem em estrutura para a construção de espaços, que se integram e se distinguem da paisagem é fundamental para revelar a relação dos Yanomami com o ambiente e as trocas que eles estabelecem com o entorno. Na série A floresta, as imagens se afastam da compreensão da mata como paraíso e enfatizam vínculos entre as pessoas e o complexo ecossistema ao redor. A partir de contrastes entre luz e sombra, movimentos e distorções de foco, fragmentos da floresta habitada se convertem em ambientes acolhedores. A artista se identifica com a vulnerabilidade desse povo, dessa floresta, e ensina que o outro é aquele que nos ajuda a entender quem somos.

# Claudia Andujar, Gisela Motta e Leandro Lima

Neuchâtel, Suíça, 1931 São Paulo, SP, Brasil, 1976 e São Paulo, SP, Brasil, 1976

### Yano-a, 2005

instalação, água, cuba em vidro, estrutura de metal, filtro fotográfico, fotolito, projetor de vídeo, retroprojetor, tela de tecido, ventoinha e vídeo digital. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Doação dos artistas, 2006



# Yano-a, 2005 (MAC USP P. II)

A projeção constitui-se de um artefato intrigante: um mecanismo construído com aquário, água, filtro e ventilador. A imagem projetada resulta da refração e de seu reflexo na água em movimento. A fotografia tremula ilusoriamente animada. Desenvolvida a partir de uma fotografia em preto e branco de uma maloca Yanomami incendiada, registrada em 1976 por Claudia Andujar, *Yano-a* é uma obra em coautoria entre a fotógrafa, Gisela Motta e Leandro Lima. Pertencente ao conjunto fotográfico dos Yanomami por Andujar, a imagem irradia outros nexos a partir do dispositivo concebido pela dupla: o cruzamento de técnicas que constrói uma engenhoca para a projeção, associa-a ao artefato que a produz. Nada do apagamento no qual apenas o filme interessa, a obra imersiva arrasta o olhar da tela para o mecanismo em um ir-e-vir seduzido pela inquietante decifração. É sofisticada a articulação dos traços poéticos dos artistas, troca profícua de olhares, técnicas e gerações. A desoladora e atual imagem nos leva para dentro do fogo. Executada em 2005, ela pode ser um atual e desconcertante retrato do Brasil em 2021. Insere o espectador em uma infeliz paisagem que o país continuamente reproduz, parte de nosso indesejável passado, e de modo inaceitável, ainda presente.

# **Fernando Limberger**

Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 1962

Sem título, 1989 encáustica sobre madeira MAC USP

Paisagem Reflexa: Ibirapuera, dois tempos, 2021

díptico instalativo - parte 1. Jardim germinado a partir de sementes de espécies autóctones da paisagem local, quando ainda era território indígena. As sementes foram coletadas em expedições a locais com espécies remanescentes daquela época. Estrutura metálica, substrato e manta de drenagem.

díptico instalativo - parte 2. Jardim germinado a partir de sementes de espécies alóctones da paisagem local, que compõem a região do parque atualmente. As espécies foram todas coletadas nesta região. Estrutura metálica, substrato e manta de drenagem.

Imagens - página seguinte



Sem título, 1989 (MAC USP P. II)

Paisagem Reflexa: Ibirapuera, dois tempos, 2021 (MAC USP P. III)

Sem título se insere em um conjunto maior de outras 15 obras, que Limberger chamou de Floresta: objetos geometrizantes feitos de pedaços de madeira de reaproveitamento e galhos coletados, queimados e pintados com encáustica. Seus pedaços de madeira arranjam-se de modo a formar quase um quadrado - geometria desfeita pela disposição irregular de seus elementos, expondo a fragilidade do objeto resultante. O artista desde sempre demonstrou apreço pela vertente concretista brasileira. Aqui ela é ressignificada pelo emprego de materiais naturais (não industriais) para tratar da destruição do meio ambiente, nos anos que antecederam a Constituição brasileira de 1988, quando o País assistiu a grandes queimadas de reservas naturais. Em Paisagem reflexa: Ibirapuera, obra inédita realizada para Zona da Mata, dois canteiros circulares situados em dois pontos diferentes do jardim do MAC USP reconstroem duas camadas do terreno do Parque Ibirapuera. O canteiro de vegetação úmida busca reconstituir as espécies originais do parque, quando a área era alagadiça, o que lhe deu o nome Tupi. O canteiro alto é formado por espécies hoje encontradas na área do parque muitas das quais trazidas e plantadas no terreno para constituir seu paisagismo. As formas circulares têm sua geometria reforçada pela cinta de aço corten que as sustentam, e novamente exprimem a tensão entre o natural e o industrial.





# Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz - Brasil Arquitetura

Sede do ISA Instituto Socioambiental - São Gabriel da Cachoeira, AM, 2000-2005

maquetes: Guilherme Tanaka; vídeo: Tom Butcher Cury; trilha sonora: Kehno Bahsaro, Bua Puriõ Phino Bahsaro (povo Kotiria) e Yutiwagu Sagãda

[Na descida vou te pegar] (povo Tuyuka); construção da cobertura de piaçava: Andre Lino Coripaco e equipe; imagens: arquivos ISA e Brasil Arquitetura

# Terreiro de Òsùmàrè, Salvador, Bahia, 2017

trono: Guilherme Tanaka e Marcenaria Baraúna; vídeo: Tom Butcher Cury; trilha sonora: toque de atabaque para Òsùmàrè; imagens arquivos Òsùmàrè e Brasil Arquitetura Imagem: detalhe do trono de Òsùmàrè



Sede do ISA Instituto Socioambiental - São Gabriel da Cachoeira, AM, 2000-2005 (MAC USP P.II)

http: brasilarquitetura.com projetos instituto-socioambiental-isa

Terreiro de Òsùmàrè, Salvador, Bahia, 2017 (MAC USP P. II)

http: brasilarquitetura.com projetos terreiro-osumare

Aberto para o Rio Negro, o ISA São Gabriel estabelece uma relação gentil e amigável entre a ocupação humana e o meio ambiente. O edifício de três pavimentos é um cubo branco de 16x16m, construído em alvenaria revestida e caiada e coberto com madeira. Os cipós e a palha recorrem às habilidades da mão-de-obra nativa e local. Permeáveis e de fluida circulação, os andares são conectados por escadas externas nas áreas avarandadas. Constitui lugar de convívio e troca - algo praticado desde a fase de projeto. Da cobertura tramada pelo saber ancestral indígena em diálogo com os arquitetos até o belo forro do pequeno auditório confeccionado pelas esteiras produzidas e cedidas por diferentes etnias da região. Interessa aos arquitetos as pessoas e os lugares de tal modo que antes mesmo de qualquer hipótese de intervenção, criteriosamente se aproximam. E desse modo também se reinventam. O projeto para o Terreiro de Oxumaré teve início com o convite para a contenção da Mata Sagrada. Recorre aos muros históricos em pedra, típicos de Salvador no início da instalação da cidade no desafio de suas encostas. Tombado como patrimônio histórico do governo da Bahia em 2013, o Terreiro é um local de proteção. O projeto aprende na mesma medida em que valora as razões sagradas que mantiveram tanto o campo edificado quanto a valiosa mata. O cobogó desenhado especialmente para as novas construções é a representação de Oxumaré no Benin, orixá que representa movimento e renovação.

### **Gabriela Albergaria**

Vale de Cambra, Portugal, 1965

Jequitibá da série Trianon, 2010 gravura a laser sobre Pau Marfim e desenho impresso sobre papel algodão emoldurado em Pau Marfim.

Galeria Vermelho

Jatobá da série Trianon, 2010 gravura a laser sobre Pau Marfim e desenho impresso sobre papel algodão emoldurado em Pau Marfim. Galeria Vermelho Imagem ao lado

Araribá Rosa da série Trianon, 2010 gravura a laser sobre Pau Marfim e desenho impresso sobre papel algodão emoldurado em Pau Marfim.

Galeria Vermelho



Jequitibá, Jatobá e Araribá Rosa (série Trianon), 2010 (MAC USP P. II)

A artista interessa-se pelas relações da espécie humana com a natureza, voltandose para coleções botânicas, seu processo de institucionalização e de classificação desde o final do século 18. A vegetação é parte de sua obra desde elementos factuais, troncos e galhos trazidos para os espaços expositivos, instalados como peças escultóricas melancolicamente secos e desidratados, até singulares representações entre fotografias e desenhos. Nesta obra, Albergaria alude a um pedaço de mata virgem dentro da cidade de São Paulo, na Avenida Paulista: o Parque Trianon. Ali, temos as espécies de árvores nativas da Mata Atlântica e do ecossistema brasileiro. Os três painéis aqui expostos descrevem árvores de grande porte e apreciadas por suas propriedades medicinais ou sua madeira de alta qualidade. O Araribá Rosa é ameaçado de extinção dada a sua extração desenfreada (sua madeira de lei). A madeira do Jatobá também é muito utilizada para fabricação de móveis. É considerada uma árvore sagrada pelos povos indígenas. Por fim, o Jequitibá (em Tupi, literalmente o "gigante da floresta"), cuja casca é usada como composto medicinal pelos povos indígenas. Albergaria alude às chamadas xilotecas: coleções de madeiras de museus de história natural, ao usar as madeiras das espécies descritas e desenhadas sobre sua superfície para sua obra.



#### **Gustavo Utrabo**

Curitiba, PR, Brasil, 1984

Restaurante no Jardim, São Paulo, SP, 2019

maquete, vídeo, papel, impressão jato de tinta, ramo de folhas e metal sobre papel Coleção do Arquiteto Indústria Comunitária na Amazônia, Laranjal do Jari, PA, 2019

maquete, vídeo, óleo sobre papel (Captação Bruna Oliveira, edição Gustavo Utrabo) Acervo do Centro Georges Pompidou Imagem: detalhe da obra

Um Restaurante no Jardim, São Paulo, SP, 2019 (MAM P. I)

Indústria Comunitária na Amazônia, Laranjal do Jari, PA, 2019. (MAC USP P. II)

Jardim urbano, paisagem construída com vegetação sobre lajes, uma praça central articuladora de um conjunto edificado comercial rodeada por intenso trânsito. O restaurante propõe uma pausa para usufruir do jardim como sala de comer. Para tanto, todos os equipamentos e áreas da necessária cozinha industrial estão no subsolo edificado. Tecido leve sombreado, local ancorado em pedras, resíduo de concreto e resto de construção. O projeto busca recuperar a brisa e a leveza típica dos lugares ao "ar livre". Proposta de outro modo de estar distinto da vida encerrada em recintos climatizados que estão ao seu redor. As colagens e modelo de estudo guardam singular dicção e revelam um oportuno campo especulativo do arquiteto. Campo singular reconhecido também nas estratégias de aproximação do arquiteto com a Cooperativa dos Castanheiros do Rio Iratapuru. A proposta, realizada em diálogo próximo com os castanheiros, para a Indústria Comunitária na Amazônia busca apoiar os novos arranjos socioeconômicos ocorridos após a abrupta transformação da comunidade na região pela construção de uma barragem. Volta-se para saberes e técnicas renovadas no contato com as equipes de projeto, mas mantidas em contato com conhecimento local. Blocos construídos em tijolos de solo-cimento fabricados em canteiro, abrigam atividades específicas e uma estrutura de madeira leve, pré-fabricada, articula o campo intermediário entre cada um desses blocos. A exploração pictórica realizada pelo arquiteto busca aproximação com a realidade vivida, gesto anterior à decifração programática e construtiva.

**Guto Lacaz** 

São Paulo, SP, Brasil, 1948

Áreas verdes, intervenção urbana, 2015-2017 vídeo, 42" imagens Edson Kumasaka Coleção do artista



Áreas verdes, intervenção urbana, 2015-2017 (MAM P. I e MAC USP P. II)

Neste vídeo, Lacaz aparece pintando um quadrado verde em torno de duas árvores plantadas ao longo da calçada de uma rua de São Paulo. Sua ação, um gesto gráfico, não abre de fato o concreto, apenas sinaliza uma desejável abertura. O gesto pictórico, aparentemente inútil de abrir uma área de respiro para elas, nos torna atentos ao sufocamento de suas raízes por baixo da camada de concreto – essa, por sua vez, já tensionada na superfície pelas raízes em busca de espaço para crescer. O inusitado da ação é que meses depois, e para eliminar os quadrados pintados de verde, fez-se um recorte no concreto, e na terra liberada, podemos ver algumas plantas rasteiras que germinam. O fato ocorrido revela a ironia do acontecimento: ainda que a obra não tenha tido a intenção de sinalizar a necessidade de espaço para o pleno desenvolvimento das árvores, a retirada do cimento que as sufocava veio do incômodo dos quadrados verdes pintados na calçada. Artista atento a elementos corriqueiros, Lacaz transita entre um potente vocabulário gráfico e instalações. Afeito à leitura de manuais técnicos recorre muitas vezes e essa espécie de gesto que aponta para uma possível ação. Em Areas verdes, produzido em coautoria com Kumasaka, atua com gentileza irônica revelando uma desconcertante e cruel situação.

#### **Jaime Lauriano**

São Paulo, SP, Brasil, 1985

Nessa terra, em se plantando, tudo dá, 2015

instalação, grade de metal, lâmpada, madeira, muda de Pau-Brasil, parafusos, refletor de metal, rodas em metal e plástico, sistema de irrigação, terra e vidro. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação de Cleusa de Campos Garfinkel, 2015

# América Invasión Etnocídio Invención, 2016

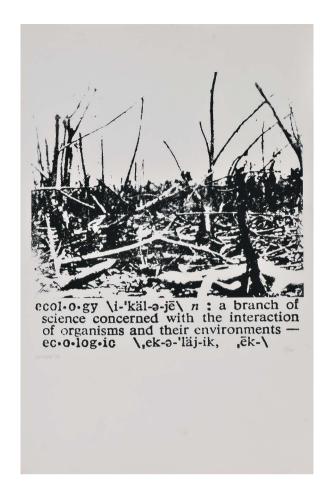
desenho feito com pemba branca (giz utilizado em rituais de Umbanda) e lápis. Coleção Rose e Alfredo Setubal Imagem ao lado



Nessa terra, em se plantando, tudo dá, 2015 (MAC USP P. II)

América Invasión Etnocídio Invención, 2016 (MAC USP P. II)

É a partir da citação da frase de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1500 para o rei Dom Manuel de Portugal, que Jaime Lauriano reflete sobre a chegada dos portugueses às terras que hoje chamamos de Brasil. O título de seu trabalho aponta para a relação dos invasores com o solo e as riquezas que foram extraídas daqui e levadas para a Europa. Evidência de um país, mesmo depois da Proclamação da Independência e República, que seguiu tratando o território como um simples recurso natural inesgotável, sem nenhuma dimensão espiritual ou qualquer consideração com os povos originários. A muda de Pau-Brasil, enclausurada numa vitrine como relíquia da planta que deu nome ao país, cresce até o limite da estufa que ao mesmo tempo a mantém viva e impossibilita o seu desenvolvimento. O artista sintetiza neste trabalho uma imagem verdadeira, atual e perversa do Brasil, chamando atenção para a relação de dependência entre a planta que simboliza o país e aquilo que a controla e a impede de crescer. Em América Invasión Etnocídio Invención, Jaime Lauriano recorre às tradições e rituais da Umbanda, a partir da pemba, giz branco sobre superfície preta, para representar um mapa como um instrumento de domínio do território. O trabalho aponta para o massacre perpetrado pelos colonizadores da América Latina e as transformações no território causadas pela conquista.



#### Julio Plaza

Madri, Espanha, 1938 - São Paulo, SP, Brasil, 2003

Ecology, 1972 serigrafia sobre papel MAC USP

# Ecology, 1972 (MAC USP P. II)

No início da década de 1970, Julio Plaza experimentou com os meios de comunicação, interessado em sua ampla circulação para explorá-los como estratégias artísticas. O uso da serigrafia reflete esse momento da produção do artista. A obra aqui exposta relaciona-se com outras 11 serigrafias que o MAC USP tem em seu acervo, nas quais Plaza adota o formato gráfico do verbete de dicionário, com a definição de uma palavra que vem logo abaixo de uma imagem apropriada dos meios de comunicação (aqui, o uso da imagem fotojornalística). No caso de Ecology, o verbete define o campo disciplinar que investiga o ambiente natural e se contrapõe à imagem de uma floresta totalmente devastada pelas queimadas. Plaza cria um contrassenso entre texto e imagem. Do ponto de vista artístico, ele tenciona as proposições conceituais de seus contemporâneos, fazendo clara referência à produção do artista estadunidense Joseph Kosuth. Por outro lado, seu ácido jogo de texto versus imagem reflete sobre os debates emergentes da construção da rodovia Transamazônica nos anos de 1970 - projeto faraônico da ditadura militar brasileira que justificou a destruição de áreas significativas da Floresta Amazônica.

#### **Marcius Galan**

Indianápolis, EUA, 1972

Mapa-múndi político - escala 1:1, 2010 impressão offset sobre papel. Coleção MAM, doação do artista por intermédio do Clube de Colecionadores de Gravura MAM São Paulo

# Arquipélago, 2005

concreto, cano de aço, plantas, caixa de luz, poste de iluminação e fios elétricos Coleção MAM, doação de Yara Rossi Baumgart



Mapa-múndi político - escala 1:1, 2010 (MAC USP P. II)

Arquipélago, 2005 (MAM P. I)

As obras de Marcius Galan, com um toque de ironia, trazem dados geográficos e cartográficos. O deslocamento de elementos da cidade, assim como a crítica a certo objetivismo, aponta para mapas sem função e ilhas urbanas em cidades áridas. E como se o artista desnudasse a especialização exagerada e o tecnicismo alienador. A representação de uma linha divisória na superfície do globo, uma fronteira política, é literal a ponto de se tornar estapafúrdia. Trata-se de um mapa borgeano de escala 1:1, o cúmulo da inutilidade, uma vez que substitui a realidade por uma representação dela de tamanho idêntico. O mapa mostra um lugar que só existe abstratamente, como representação de qualquer lugar e, portanto, perde sua razão de ser. O trabalho revela sutilmente como os artifícios da representação do espaço podem se tornar incompreensíveis e alienantes. A beleza do mapa está justamente na abordagem de uma questão política sobre a divisão e ocupação dos territórios a partir da noção de indeterminação. Nas obras selecionadas para esta mostra, o artista transita da representação (mapa quase pura cor) à instalação a partir de elementos reconhecíveis (poste de luz, canteiros em concreto). Arquipélago, instalação que também se vale de um vocabulário da geografia, é um trabalho que trata do desmantelamento do espaço público e da transformação da paisagem a partir da construção de ilhas de concreto, postes de luz, fiação e fragmentos de elementos urbanos. A paisagem na cidade é permeada por elementos verdes que nascem espontaneamente e que são muitas vezes compreendidos como ervas daninhas que devem ser eliminadas. As plantas, como signo da natureza, crescem cercadas pelo cinza do cimento e sobrevivem como resquícios indesejados.



#### **Paulo Nazareth**

Homem velho nascido em Borun Nak [Vale do Rio Doce] Minas Gerais, Brasil

Aprender a rezar em Guarani e Kaiowá para o mundo não acabar, 2013 vídeo 28' looping. Edition 5 e 2 AP Galeria Mendes Wood DM

Aprender a rezar Guarani Kaiowá para o mundo não acabar, 2013 (MAC USP P. II)

O som quase inaudível reverbera uma reza em Guarani Kaiowá. O título revela a obra que resulta de um encontro, em uma das viagens terrestres que constituem as práticas de deambulação de Paulo Nazareth. A obra já produzida em 2012 quando o artista decidiu passar por Mato Grosso do Sul em direção aos povos indígenas originários naquela localidade. A experiência de participar de um dos rituais Guarani Kaiowá é de certo modo compartilhada através da obra. Uma reza, entoada como um cântico, para "o mundo não acabar", ao fortalecer os pilares que sustentam o céu para que não caiam e o mundo não se desfaça. Essa é uma crença de várias outras etnias, narrada também por Davi Kopenawa, xamã Yanomami, no livro escrito em coautoria com Bruce Albert, A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. Neto de uma indígena da tribo Krenak, Paulo adota seu sobrenome Nazareth em sua identidade artística. Nessa ancestralidade, assim como na ancestralidade afro (embora, segundo ele, desconheça as origens precisas) o artista se reconhece. Muito de sua produção ecoa de diversas maneiras a enorme força espiritual indígena e africana, atravessada pelo agudo e lúcido posicionamento crítico com o qual se manifesta. A obra desta mostra, monitor direto no chão, som que exige atenção para ouvir, guarda traços relevantes da produção do artista – um quase nada que produz uma tão potente afecção.

# **Rodrigo Bueno**

Campinas, SP, Brasil, 1967

## Aterramento, 2021

mesa/instalação revestida de madeira recuperada, galhos, raízes, gavetas de madeira com insetos híbridos, sementes, resíduos de cupins sob tampo de acrílico; redomas de vidro com quartzo, conchas, musgos, penas, fragmentos de cacho de abelhas, borboletas e folhas desidratadas.

Coleção do artista.



# Origem e Destino, 2021

água, cristal, ferro, luz, madeira, materiais orgânicos, papelão, planta, som, terra, tinta à óleo e vidro (página seguinte)

Aterramento, 2021 (MAC USP P. II)

Origem e destino, 2021 (MAM P. IV)

Origem e destino é uma instalação imersiva, proposta na sala de vidro do MAM São Paulo, como um campo dinâmico a revelar ciclos de transmutação. Feita com elementos naturais e artificiais, é quase como uma estufa, constructo que abriga vegetação para seu desenvolvimento. Convida os visitantes a experimentarem um ambiente inesperado e exuberante. Luzes coloridas de tons variados trazem movimento ao conjunto e constroem uma paisagem completamente artificial e lisérgica que contrasta com o Parque Ibirapuera. Na obra de Rodrigo Bueno, o mundo visível e conhecido não se distingue dos mistérios, do campo da imaginação e dos elementos espirituais intangíveis. Como um reverso Aterramento, mesa instalação no MAC USP apresenta uma série de obras e objetos que juntas constituem aspectos provocativos a sugerir movimento e contemplação. Um laboratório em diálogo com o tempo e o entorno. Uma série de encapsulamentos de elementos delicados, como asas de borboletas, penas, folhagens, raízes, cristais, cachos de vespas, corais, sementes, resinas e vidro articulados a artefatos corriqueiros, tais quais, antigas gavetas, podem ser vistos como Ebós, um nome de origem Yorubá Bantu (nações da África) que representam uma oferenda ao Cosmos. Na junção de elementos, o artista busca movimentar as forças dinâmicas a fazer fluir energias intencionais. Entre as ações está o gesto de abrir um segmento do brise-soleil do prédio do MAC USP, para que a luz adentre o espaço expositivo e os visitantes avistem o verde do Parque Ibirapuera e a relação entre os dois museus que a exposição propõe que seja reforçada. O trabalho de Rodrigo Bueno configura aproximação entre o terreno e o divino, como superação da oposição entre os povos chamados de civilizados e os originários.



# Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Apoio Música no MAC

Vera Filinto

CONSELHO DELIBERATIVO

Chefia

**ACERVO** 

Presidente Ana Magalhães

Paulo Roberto Barbosa

**CONSELHEIROS** 

Vice-Diretora

Silvana Karpinscki

Marta Bogéa

Catalogação e Documentação

Representantes do Reitor

Cristina Cabral; Fernando Piola; Marília Lopes;

Ricardo Fabbrini: Rosana Paulino

Michelle Alencar

Conservação Preventiva

Representantes Docentes

Silvia Meira

Edson Leite; Helouise Costa; Rodrigo Queiroz

Conservação e Restauração - Papel Rejane Elias; Renata Casatti

REPRESENTANTES FUNCIONÁRIOS

Aparecida Caetano

Mariana Queiroz; Michelle Alencar

Conservação e Restauração - Pintura e Escultura

**Suplentes** 

Ariane Lavezzo; Marcia Barbosa

Ariane Lavezzo; Paulo Renato Loffredo

Apoio

REPRESENTANTE DISCENTE

Rozinete Silva

Titular

Secretaria

Antônio Herci Ferreira Júnior

Regina Pavão

Suplente

BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO LOURIVAL **GOMES MACHADO** 

Joseane Alves Ferreira

Chefia

Diretora

Lauci B. Quintana

Ana Magalhães

**DIRETORIA** 

Documentação Bibliográfica

Vice-Diretora

Anderson Tobita; Mariana Queiroz;

Marta Bogéa

Liduína do Carmo

Secretaria

Chefia

Carla Augusto

Sérgio Miranda

COMUNICAÇÃO

Chefia

Equipe

Edson Leite

Beatriz Berto; Dayane Inácio

**Docentes** 

Ana Magalhães; Edson Leite; Carmen Aranha

(Professor Sênior); Helouise Costa; Rodrigo Queiroz

Chefia

**EDUCAÇÃO** 

(FAU USP vínculo MAC USP); Felipe Chaimovich

PESQUISA, DOCÊNCIA E CURADORIA

**Edson Leite** 

(Professor temporário)

Educadores

Secretaria

Secretaria

Andrea Biella; Evandro Nicolau; Maria Angela

Andréa Pacheco; Sara Valbon

Francoio; Renata Sant'Anna

Apoio à Pesquisa

Beatriz Cavalcanti

Ana Lucia Siqueira

# PLANEJAMENTO E PROJETOS - EXPOSIÇÕES E DESIGN

Chefia

Ana Maria Farinha

Editoria de Arte, Projeto Gráfico, Expositivo e Sinalização

Elaine Maziero

Editoria Gráfica Roseli Guimarães

Produção Executiva

Alecsandra Matias de Oliveira

Projetos Claudia Assir

SECRETARIA ACADÊMICA

Chefia

Neusa Brandão

Secretário

Paulo Marquezini

SERVIÇO ÁUDIOVISUAL, INFORMÁTICA E TELEFONIA

Chefia

Marilda Giafarov

Equipe

Bruno Ribeiro; Marta Cilento; Thiago Santos

SERVIÇO ADMINISTRATIVO E OPERACIONAL

Chefia

Juliana de Lucca

**Apoio Operacional** 

Júlio Agostinho; Nilza Araújo

Secretaria
Sueli Dias
Engenharia

José Eduardo Sonnewend

ALMOXARIFADO E PATRIMÔNIO

Chefia

Thiago de Souza

Equipe

Clei Natalício Junior; Marilane dos Reis; Nair Araújo; Paulo Loffredo; Waldireny Medeiros

MONTAGEM E MANUTENÇÃO DE EXPOSIÇÕES E OBRAS

Chefia

Mauro da Silveira

Equipe

Daniel de Oliveira Pires; Fábio Ramos

CONTABILIDADE

Contador

Francisco Ribeiro Filho

Apoio

Eugênia Vilhena

Tesouraria

Rosineide de Assis

PROTOCOLO, EXPEDIENTE E ARQUIVO

Chefia

Maria Sales

Equipe

Maria dos Remédios do Nascimento;

Simone Gomes

SERVIÇOS GERAIS

Chefia

José Eduardo da Silva

Copa

Regina de Lima Frosino

Manutenção Geral

André Tomaz; Luiz Ayres; Ricardo Penha

Transporte

Anderson Stevanin

VIGILÂNCIA

Chefia

Marcos Prado

Equipe

Acácio da Cruz; Alcides da Silva; Antoniel da Silva; Antonio Marques; Clóvis Bomfim; Edson Martins; Elza Alves; Emílio Menezes; Geraldo Ferreira; José de Campos; Laércio Barbosa; Luís Carlos de Oliveira; Luiz Macedo; Marcos de Oliveira; Marcos

Aurélio de Montagner

SPPU USP

Rui de Aquino; José Carlos dos Santos

SERVIÇOS TERCEIRIZADOS

Segurança

Albatroz Segurança Patrimonial Ltda.

Limpeza

Gramaplan Comércio e Serviços Ltda.

Elevadores

BASS Tech Comércio e serviços em

Elevadores Ltda.

Ar-condicionado

Thermon Engenharia Eireli

Portaria (recepção)

S&G Prestadora de Serviços Eireli

**Bombeiros** 

Fundato Serviços & Apoio Administrativo Ltda.

ESTAGIÁRIOS E BOLSISTAS

Bolsista

Renata Dias Ferraretto Moura Rocco

Aline Castelani Kanay; Gabriel Mattos Rodrigues; lago Cerqueira dos Santos; Julia Moraes Peredo; Juliana Bispo dos Santos; Juliana Paula dos Santos; Marisa Laurentino Mendonça; Matheus de Oliveira Santos; Nayra Carvalho Moraes; Nicolle Clara Firmino Nascimento; Samuel Pereira de Souza; Victor Sales Carrinho; Weslley Sobrinho.

#### Museu de Arte Moderna de São Paulo

Presidente de honra Milú Villela

#### DIRETORIA

Presidente

Elizabeth Machado

Vice-Presidente

Daniela Montingelli Villela

Diretora Jurídica

Tatiana Amorim de Brito Machado

**Diretor Financeiro** 

Sérgio Eduardo Costa Rebêlo

Diretor Administrativo
Telmo Giolito Porto

Diretores

Camila Granado Pedroso Horta; Eduardo Saron Nunes; Sérgio Silva Gordilho; Simone Frossard Ikeda

#### CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Geraldo José Carbone

Vice-Presidente Henrique Luz

#### CONSELHEIROS

Adolpho Leirner; Alfredo Egydio Setúbal; Andrea Chamma; Andrea Paula Barros Carvalho Israel da Veiga Pereira; Anna Maria Gouveia Guimarães; Antonio Hermann Dias de Azevedo: Caio Corrêa Najm; Caio Luiz de Cibella de Carvalho; Carlos Eduardo Moreira Ferreira; Carmen Aparecida Ruete de Oliveira; Danilo Santos de Miranda; Eduardo Brandão; Eduardo Saron Nunes (licenciado para diretoria até assembleia geral de 2024); Fábio Luiz Pereira de Magalhães; Fernando Moreira Salles; Francisco Pedroso Horta; Gabriela Baumgart; Georgiana Rothier Pessoa Cavalcanti Faria; Helio Seibel; Israel Vainboim; Jean-Marc Etlin; Jorge Frederico M. Landmann; Karla Meneghel; Leo Slezynger; Luís Terepins; Marcos Adolfo Fernamo Amaro; Maria Fernanda Lassalvia P. de Mello; Maria Regina Pinho de Almeida; Mariana Guarini Berenguer; Mário Henrique Costa Mazzilli; Martin Grossmann; Michael Edgard Perlman; Neide Helena de Moraes; Paulo Gaio de Castro Júnior; Paulo Proushan; Paulo Setúbal Neto; Peter Cohn; Priscila Fonseca da Cruz; Roberto B. Pereira de Almeida; Rodolfo Henrique Fischer; Rolf Gustavo R. Baumgart; Salo Davi Seibel; Sérgio Ribeiro da Costa Werlang; Sergio Silva Gordilho (licenciado para a diretoria até assembleia geral de 2022); Simone Schapira Wajman; Susana Leiner Steinbruch; Telmo Giolito Porto (licenciado para a diretoria até assembleia geral de 2022); Vera Sarnes Negrão

# COMITÊ CULTURAL E DE COMUNICAÇÃO

Coordenação

Fábio Luiz Pereira de Magalhães

#### COMITÊ

Andrea Paula Barros Carvalho Israel da Veiga Pereira; Caio Luiz de Cibella de Carvalho; Camila Granado Pedroso Horta; Eduardo Saron Nunes; Elizabeth Machado; Jorge Frederico M. Landmann; Maria Fernanda Lassalvia P. de Mello; Maria Regina Pinho de Almeida; Martin Grossmann; Neide Helena de Moraes; Sérgio Silva Gordilho

### COMITÊ DE GOVERNANÇA

Coordenação

Mário Henrique Costa Mazzilli

#### COMITÊ

Alfredo Egydio Setúbal; Andrea Chamma; Anna Maria Gouvea Guimarães; Antonio Hermann Dias de Azevedo; Elizabeth Machado; Geraldo José Carbone; Henrique Luz; Marcos Fernamo Amaro; Mariana Guarini Berenguer; Tatiana Amorim de Brito Machado; Sérgio Ribeiro da Costa Werlang

# COMITÊ FINANCEIRO E DE CAPTAÇÃO

Coordenação

Francisco Pedroso Horta

#### COMITÊ

Caio Corrêa Najm; Daniela Montingelli Villela; Elizabeth Machado; Gabriela Baumgart; Georgiana Rothier Pessoa Cavalcante Faria; Geraldo José

Carbone; Hélio Seibel;

Jean-Marc Etlin; Luís Terepins; Sérgio

Eduardo Costa Rebêlo

#### COMITÊ DE NOMEAÇÃO

Alfredo Egydio Setúbal; Elizabeth Machado; Geraldo José Carbone; Henrique Luz

#### CONSELHO FISCAL

Titulares

Demétrio de Souza; Reginaldo Ferreira Alexandre; Susana Hanna Stiphan Jabra (Presidente)

Suplentes

Magali Rogéria de Moura Leite Maria Cristina de Freitas Archilla Walter Luís Bernardes Albertoni

#### COMISSÃO DE ARTE

Claudinei Roberto da Silva; Cristiana Tejo; Vanessa K. Davidson

#### COMISSÃO DE ÉTICA E CONDUTA

Daniela Montingelli Villela; Elizabeth Machado; Gisele Regina; Henrique Luz; Mário Henrique Costa Mazzilli; Tatiana Amorim de Brito Machado

#### **ASSOCIADOS PATRONOS**

Adolpho Leirner; Alfredo Egydio Setúbal; Antonio Hermann Dias de Azevedo; Carlos Eduardo Moreira Ferreira: Carmen Aparecida Ruete de Oliveira: Daniela Montingelli Villela; Danilo Santos de Miranda; Eduardo Brandão; Eduardo Salomão Neto; Eduardo Saron Nunes; Fernando Moreira Salles; Francisco Pedroso Horta; Georgiana Rothier P. Cavalcanti Faria; Geraldo José Carbone; Helio Seibel; Henrique Luz; Israel Vainboim; Jean-Marc Etlin; Leo Slezynger; Mariana Guarini Berenguer; Mário Henrique Costa Mazzilli; Michael Edgard Perlman; Neide Helena de Moraes; Paulo Proushan: Paulo Setúbal Neto: Peter Cohn: Raul Alves Pereira Netto; Roberto B. Pereira de Almeida; Rodolfo Henrique Fischer; Rolf Gustavo R. Baumgart; Salo Davi Seibel; Sérgio Ribeiro da Costa Werlang; Simone Schapira Wajman.

#### **INCENTIVADORES DA ARTE**

Embaixadora

Andrea Olympio Pereira

Coordenação Patricia Chaccur

Analista

Juliene Campos Braga Botelho Lanfranchi

#### **MEMBROS**

Ana Cristina Medeiros Haberfeld; Ana Eliza e Paulo Setúbal; Adrienne e Nelson Jobim; Alfredo Egydio Setúbal; Alisson Mendonça; Antônia Bergamin e Mateus Ferreira; Beatriz Yunes Guarita; Claudia e Nelson Davis; Daniela Montingelli Villela; Daniel Augusto Motta; Fernanda Maria de Castro Marques; Glaucia e Peter Cohn; Guilherme Simões de Assis; Lara Donatoni Matana; Luciana Caravello; Luiz Lara; Marcia Lerro Pimenta; Marcia P. S. Feldon; Maria da Conceição Cavalheiro Alves de Queiroz; Mariana Guarini Berenguer; Marjorie e Geraldo Carbone; Marilia Chede Razuk; Milú Villela;

Odete Lima Krause; Regina Pinho de Almeida; Rolf Gustavo R. Baumgart; Salo Davi Seibel; Sandra e José Luiz Setúbal; Silvana Maria Hofig Ramos; Sérgio Ribeiro da Costa Werlang; Thalita Cefali Zaher; Thiago Gomide; Vilma Eid; Vivian F. S. M. Cecco

#### NÚCLEO CONTEMPORÂNEO

Coordenação Camila Granado Pedroso Horta

Analista

Juliene Campos Braga Botelho Lanfranchi

#### **MEMBROS**

Adriana Dequech Sola; Alaide Cristina Barbosa Ulson Quercia; Alexandre de Castro e Silva; Ana Carmen Longobardi; Ana Eliza Setúbal; Ana Lopes; Ana Paula Cestari; Ana Paula Vilela Vianna; Ana Serra; Ana Teresa Sampaio; Andrea Gonzaga; Andrea Johannpeter; Ângela Akagawa; Antônio de Figueiredo Murta Filho; Antônio Marcos Moraes Barros: Beatriz Freitas Fernandes Távora Filgueiras: Beatriz Yunes Guarita; Bianca Cutait; Camila Horta; Camila Mendez; Camila Siqueira; Camila Yunes Guarita; Carolina Alessandra Guerra Filgueiras; Carolina Massad Cury; Cinara Ruiz; Cintia Rocha; Claudia Maria de Oliveira Sarpi; Cleusa de Campos Garfinkel; Cristiana Rebelo Wiener; Cristiane Quercia Tinoco Cabral; Cristiano Biagi; Cristina Baumgart; Cristina Canepa; Cristina Tolovi; Daniela Montingelli Villela; Daniela Steinberg Berger; Dany Rappaport; Dany Saadia Safdie; Eduardo Mazilli de Vassimon; Esther Cuten Schattan; Esther D'Amico Constantino; Fabio Cimino; Fernanda Boghosian Rossi; Fernanda Mil-Homens Costa; Flávia Regina De Souza Oliveira; Florence Curimbaba; Franco Pinto Bueno Leme; Gustavo Clauss; Heloisa Désirée Samaia; Ida Regina Guimaraes Ambroso Margues; Ilaria Garbarino Affricano; Isabel Ralston Fonseca de Faria; Janice Mascarenhas Marques; José Eduardo Nascimento; Judith Kovesi; Juliana Neufeld Lowenthal; Karla Meneghel; Lucas Cimino; Luciana Lehfeld Daher; Luis Felipe Sola; Luisa Malzoni Strina; Maguy Etlin; Maria das Graças Santana Bueno; Maria Julia Freitas Forbes; Maria Lúcia Alexandrino Segall; Maria Teresa Igel; Mariana de Souza Sales; Marina Berti Yunes; Marina Lisbona; Marta Tamiko Takahashi Matushita; Milena Dayan Liberman; Mônica Mangini; Monica Vassimon; Morris Safdie; Murillo Cerello Schattan; Nadja Cecilia Silva Mello

Isnard; Natalia Jereissati; Nicolas Wiener; Patricia Magano; Patricia Mendonça Barros; Paula Almeida Schmeil Jabra; Paula Furlanetto; Paula Regina Depieri; Paulo Proushan; Paulo Setúbal Neto; Philippe Racy Takla; Raquel Steinberg; Regina de Magalhães Bariani; Renata Castro e Silva; Ricardo Trevisan; Rodolfo Viana; Rodrigo Editore; Rosa Amélia de Oliveira Penna Marques de Oliveira; Rosana Aparecida Soares de Queiroz Visconde; Ruy Hirschheimer; Sabina Lowenthal; Samantha Abuleac Steinberg; Sandra C. de Araújo Penna; Sérgio Ribeiro da Costa Werlang; Silvio Steinberg; Sonia Regina Grosso; Sonia Regina Opice; Teresa Cristina Bracher; Titiza Nogueira; Vera Lucia Freitas Havir; Wilson Pinheiro Jabur; Yara Rossi

#### COLABORADORES

**CURADOR-CHEFE** 

Cauê Alves

SUPERINTENDENTE EXECUTIVA

Gisele Regina da Silva

**ACERVO** 

Coordenação

Claudia Guidi Falcon

Assistentes

Camila Gordillo de Souza; Bárbara Blanco

Bernardes de Alencar

Técnico em manuseio Igor Ferreira Pires

**ADMINISTRAÇÃO** 

Coordenação

Danielle Leonor Pacheco Medina

**COMPRAS** 

Analista

Fernando Ribeiro Morosini

**FINANCEIRO** 

Analistas

Diogo Silva Barros e Renata Noé

Peçanha da Silva

Assistente

Jefferson da Silva Borges Fernandes

Assistência à curadoria e superintendência

Thaïs Brito

ASSISTÊNCIA À PRESIDÊNCIA

Daniela Reis

BIBLIOTECA NEGÓCIOS

Bibliotecária Laura Pinheiro Brunello

Léia Carmen Cassoni

Barbosa Castilho

Jorge Augusto de Oliveira

Assistente CLUBE DE COLECIONADORES
Assistente Assistente

Renan Brigeiro Lima

Monique Marquezin Alves

COMUNICAÇÃO

Coordenação

Flair a Zadir Reveire Correct de Martine Analista

Eloise Zadig Pereira Gomes de Martins

Juliene Campos Braga Botelho Lanfranchi

Analista
Jamyle Hassan Rkain; Teresa Cristina LOJA

Silva Pereira (PJ)

Analista

Designer Gilberto Siqueira Paulino

Caio César de Melo Raposo

PROGRAMA DE SÓCIOS

Produção e edição de vídeo Analista

Marina Paixão (PJ)

Daniela Reis

CURADORIA PARCERIAS E PROJETOS

Museólogo

Pedro Nery Coordenadora

Kenia Maciel Tomac

Assistente de pesquisa
Gabriela da Costa Gotoda
PARCERIAS

EDUCATIVO Assistente

Coordenação Isabela Marinara Dias

Mirela Agostinho Estelles PROJETOS CULTURAIS

Analista Analista

Maria Iracy Ferreira Costa Deborah Balthazar Leite

Educadores Assistente

Amanda Silva dos Santos; Amanda Harumi Falcão;
Barbara Ganizev Jimenez; Fernanda Vargas Zardo;
Gregório Ferreira Contreras Sanches e Leonardo

Valbia Juliane dos Santos Lima

Projetos incentivados
Sirlene Ciampi (PJ)

Estagiárias PATRIMÔNIO

Cristina Naiara Fernandes e Coordenador
Luna Souto Ferreira Estevan Garcia Neto

CURSOS Oficial de manutenção

Educadora

Barbara Ganizev Jimenez

Alekiçom Lacerda

Técnico de manutenção

Analista de cursos Carlos José Santos

Venicio Souza (PJ)
JURÍDICO

Advogada BILHETERIA
Olívia Bonan (PJ) – BS&A Borges Sales & Flávio Andrade (PJ)

Alem Advogados

Flávio Andrade (PJ)

Estagiária BOMBEIRO CIVIL
Mei Jou (PJ) André Luiz (PJ) e Marcelo Santos (PJ)

Assistente

LIMPEZA Tejofran

SEGURANÇA PATRIMONIAL

Power Segurança

PRODUÇÃO DE EXPOSIÇÕES

Coordenadora de produção Patricia Pinto Lima

Produtora

Ana Paula Pedroso Santana; Marina do

Amaral Mesquita

Assistente

Amanda Alencar (PJ); Pedro Henrique Lopes

**RECURSOS HUMANOS** 

Coordenação

Karine Lucien Decloedt Cesario

Assistente

Débora Cristina da Silva Bastos

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Coordenação

Nilvan Garcia de Almeida

Suporte técnico

Felipe Ferezin e Vitor Hugo Silva - INIT NET

**MANTENEDORES** 











**PLATINA** 

BNP Paribas; Havaianas; XP Private

**OURO** 

Alupar; Banco Votorantim; Credit Suisse; EMS; Havan; KPMG; Leo Madeiras e Leo Social ; Lojas Renner S.A.; Marsh McLennan; Pinheiro Neto Advogados; PwC; TozziniFreire Advogados ; Verde

Asset Management; Vivo

**PRATA** 

Banco Safra; Bloomberg Philanthropies; Bompack; Emporium São Paulo; Grupo Comporte; ICTS;

Montana Química; PIRELLI

PARCERIAS INSTITUCIONAIS

Africa; Aliança Francesa; Ana Silvia Matte Consultoria e Meritor Recursos Humanos; Berlitz; BMA; BMI; Canson; Cinema Belas Artes; Cultura e Mercado; Deca; FIAP; Gusmão & Labrunie Propriedade Intelectual; Hospital Israelita Albert Einstein; Hugo Boss; ICIB – Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro; Mercure

Hotéis; Orfeu Cafés Especiais; Senac

PARCERIAS DE MÍDIA

Arte!Brasileiros; Arte que Acontece; Canal Arte 1; Editora Trip; Eletromídia-Elemídia; Folha de S.Paulo; Inner Editora; JCDecaux; Piauí; Quatro Cinco Um

PLAYER OFICIAL

Spotify

ARTE E ECOLOGIA

Havaianas

**DOMINGO MAM** 

TozziniFreire Advogados

FAMÍLIA MAM

PwC

IGUAL DIFERENTE

Banco Votorantim

PROGRAMA DE VISITAÇÃO

Pinheiro Neto Advogados

MARCENARIA NO MAM

Leo Madeiras e Leo Social

# Exposição Zona da Mata

curadoria: Ana Magalhães, Cauê Alves e Marta Bogéa

registro fotográfico: Karina Bacci (MAM São Paulo) e Elaine Maziero (MAC USP)
projeto gráfico: Beatriz Falleiros Nunes (MAM São Paulo) e Elaine Maziero (MAC USP)
agradecimentos: Bye Cupim Descupinização de Dedetização LTDA

#### Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo • www.mac.usp.br

Av. Pedro Álvares Cabral, 1301 • Ibirapuera • São Paulo • SP • CEP: 04094-050 • Tel.: 55 (011) 2648 0254 Terça a domingo das 10h às 21h (inclusive feriados) • segunda-feira fechado • Entrada Gratuita.

#### Museu de Arte Moderna de São Paulo • www.mam.org.br

Av. Pedro Alvares Cabral, s n° • Parque Ibirapuera • São Paulo SP • Brasil • CEP: 04094-000 Tel.: 55 (11) 5085 1300 • Terça a domingo das 12h às 18h (entrada até 17h30) • domingo gratuito (mediante reserva de ingressos) • segunda-feira fechado.

parceria

realização













